

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA DOS REMÉDIOS ALMEIDA

MARIA MONTESSORI: OBRA E CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

ITUIUTABA - MG

2023

MARIA DOS REMÉDIOS ALMEIDA

MARIA MONTESSORI: OBRA E CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Instituto de Ciências Humanas do Pontal. Apresentado à banca examinadora como requisito parcial de avaliação da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Profº Dr. Armindo Quillici Neto

Ituiutaba-MG

2023

MARIA DOS REMÉDIOS ALMEIDA

MARIA MONTESSORI: OBRA E CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

Monografia apresentada à banca examinadora do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Ituiutaba, 17 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Armino Quillici Neto (orientador)
ICHPO/UFU

Prof.^a Me. Monalisa Lopes dos Santos Coelho
ICHPO/UFU

Prof.^a Dr.^a Simone Aparecida dos Passos
ICHPO/UFU

Dedico este trabalho a São José que através de sua bondade esteve comigo em toda essa trajetória. *Ite ad Joseph.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, de um modo especial a Deus pelo seu cuidado incomensurável em todo esse período de estudos, por sempre ter os Seus olhos fitados aos meus e nunca ter me deixado sozinha. Com Ele fui mais forte.

Da mesma maneira, agradeço a Santíssima Virgem Maria que com a sua serenidade intercedeu por mim em meio às adversidades, fazendo então com que o verdadeiro sentido sobressaísse em minha vida.

Gratifico a minha mãe Janeide por todo seu exemplo de garra e determinação dado a mim de uma forma direta ou indireta; ao meu pai Vitor pela sua disposição em me ajudar desde o início da graduação; ao meu irmão José Vitor pelo seu companheirismo e paciência; a minha avó Teresinha e ao meu avô Marcos por toda sua vida doada em meu serviço a partir das minhas primeiras impressões neste mundo; ao meu sogro Ciro, por ser aquele que acredita de um modo singular no meu potencial; ao meu noivo e amigo Binar pelo privilégio de deixar com que eu partilhe momentos como esse ao seu lado.

Gostaria de agradecer a professora Cléia Moreira por ter me mostrado o verdadeiro significado do ato de educar e por ter me inspirado a escrever essa pesquisa.

Aos meus alunos do Infantil II, que me ensinaram a partir das nossas vivências a olhar atentamente para as particularidades de cada sujeito e assim, amar.

Às colegas da universidade: Carolaine Remedi, Eshilley Rodrigues, Polly Ana e Hágata; agradeço pela amizade que construímos, pelos trabalhos realizados, pelos desafios e alegrias compartilhadas.

Às minhas amigas: Laura, Giovana, Gabriele, Thaís e Maria Gabriela; agradeço por todos os conselhos, conversas e por terem me acompanhado todos esses anos. Com vocês experiencio diariamente o ensinamento de São Tomás de Aquino: *Idem Velle et Idem Nolle*.

Ao meu orientador e Prof^o Dr. Armindo Quillici Neto, toda a minha gratidão por ter me direcionado neste trabalho e por ter me visto do mesmo modo em que Maria Montessori enxergava os seus alunos.

A prof.^a Dr.^a Simone Aparecida dos Passos agradeço por todos os ensinamentos e por todo apoio ao longo dessa graduação; do mesmo modo à Prof.^a Me. Monalisa Lopes dos Santos Coelho pela figura de força e perseverança na vida intelectual.

Por fim, resta a minha gratidão àqueles que colaboraram para a minha formação além da docência, cuja presença se limitava apenas às entrelinhas de um livro: Alberto Caeiro em seu poema “Para além da curva da estrada” me mostrou a importância de viver o momento presente, porque nele encontra-se muita beleza. Igualmente em seu outro poema “da minha aldeia” que percorreu todo esse itinerário me apontando e dando esperanças para conquistar os meus sonhos.

“...quando somos criancinhas não precisamos de contos de fadas: só de contos. A vida pura e simples é suficientemente interessante. Uma criança de sete anos se impressiona quando lhe contam que Tommy abriu a porta e viu um dragão. Mas uma criança de três anos se impressiona quando lhe contam que Tommy abriu a porta.”

(G.K CHESTERTON)

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa no campo do pensamento pedagógico e prática pedagógica da educadora Maria Montessori. Teve como problemática constatar as contribuições da autora para a educação, assim como também, compreender sua metodologia que embasou o trabalho no âmbito científico e social, tal como sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento pedagógico e de sua prática pedagógica. O objetivo geral perpassou pela apreensão do pensamento de Montessori, nos aspectos da *criança*, do *ambiente* e do *educador*. Já os objetivos específicos buscam conhecer os princípios educativos da autora, analisar as suas produções acadêmicas, e inteirar-se de suas colaborações no que tange o sistema educacional. A fim de atender aos objetivos foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica constando apenas uma obra de Maria Montessori denominada por “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica”. Foi feita análise das proposições de método, de concepção de criança, de concepção de educação, bem como, uma análise histórica sobre a contribuição da autora para a educação da época. O trabalho foi composto por duas partes, sendo a primeira direcionada para a biografia de Maria Montessori e seus fatores históricos; e na segunda, foi discorrido sobre a obra já citada anteriormente, tendo como finalidade elucidar o método montessoriano e constatar os seus benefícios para a formação integral das crianças. Desse modo, foi possível concluir que Maria Montessori possui uma consciência social, isto é, dedica a sua vida para incluir as crianças na sociedade e dar-lhes uma educação emancipatória. Além disso, a educadora modifica os aspectos precedentes de uma educação tradicional, fazendo parte do movimento da Escola Nova que encara o aluno como o centro do processo de ensino, possibilitando igualmente a sua ação no mundo.

Palavras-chave: Maria Montessori. Pensamento. Desenvolvimento sensorial

ABSTRACT

This work is the result of research in the field of pedagogical thought and pedagogical practice of the educator Maria Montessori. Its problematic was to verify the author's contributions to education, as well as to understand her methodology that based the work in the scientific and social context, as well as her contribution to the development of pedagogical thinking and her pedagogical practice. The general objective was the apprehension of Montessori's thought, in the aspects of the child, the environment and the educator. The specific objectives seek to know the educational principles of the author, analyze her academic productions, and learn about her collaborations regarding the educational system. In order to meet the objectives we use as methodology a bibliographic research consisting only one work by Maria Montessori called "The Discovery of the Child: Scientific Pedagogy". Analysis was made of the propositions of method, conception of the child, conception of education, as well as a historical analysis of the author's contribution to the education of the time. The work was composed of two parts, the first being directed to the biography of Maria Montessori and her historical factors; and in the second, it was discussed about the work already mentioned above, with the purpose of elucidating the Montessori method and verifying its benefits for the integral formation of children. In this way, it was possible to conclude that Maria Montessori has a social conscience, that is, she dedicates her life to include children in society and give them an emancipatory education. In addition, the educator modifies the previous aspects of a traditional education, being part of the New School movement that faces the student as the center of the teaching process, also enabling its action in the world.

Keywords: Maria Montessori. Thought. Sensory Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. BIOGRAFIA	13
3. A DESCOBERTA DA CRIANÇA: PEDAGOGIA CIENTÍFICA	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por finalidade conhecer o pensamento e a prática pedagógica da educadora e médica Maria Montessori, nos aspectos da criança, do ambiente e do educador. A fim de chegar na resolução dos objetivos, utilizaremos a pesquisa bibliográfica através das obras de Maria Montessori, especificamente o seu livro “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica” pela editora Kírion 1ª edição (setembro de 2017). Foi feita análise das proposições de método, de concepção de criança, de concepção de educação, e também uma análise histórica sobre a contribuição da autora para a educação da época.

Trabalho em uma instituição escolar em que as práticas são fundamentadas em Maria Montessori, o tema despertou-me um interesse, mas não somente isso, como também o diferencial nos aspectos da concepção, metodológicos, didáticos e na organização do material pedagógico, isto é, uma prática docente desenvolvida na perspectiva montessoriana. Além disso, a contribuição do material produzido por Montessori à educação tem levado a uma mudança social devido ao seu compromisso com a formação, a liberdade e o desenvolvimento da criança. O sujeito passa a perceber o mundo de forma diferente, em razão de todos os segmentos sensoriais, motores e intelectuais, que são aperfeiçoados juntamente com as emoções e a autonomia para a vida. O contato com as leituras de Maria Montessori despertaram o interesse em aprofundar os estudos sobre a autora, e, ademais, o material produzido por Montessori tem relevância acadêmica e científica, portanto nos introduz a magnitude de sua vida, em busca de conhecê-la melhor.

Desse modo, apontamos questões que orientaram a nossa pesquisa, sendo elas: Qual é a contribuição de Maria Montessori para a educação das crianças? Quais as contribuições metodológicas, científicas e sociais da educação montessoriana? Qual é a concepção pedagógica de Maria Montessori?

A partir dessa problemática, foi realizada a estruturação deste estudo desde o nascimento da educadora até o seu falecimento, para assim, posteriormente adentrar nas concepções da metodologia e compreender como se dá em sua prática. Levando em consideração os ensinamentos de Maria Montessori, elucidamos que esta pesquisa é de valor para o campo educacional e para a

formação de professores que atuam especificamente na primeira infância (0 aos 6 anos de idade).

Da mesma forma, abordamos o processo histórico da autora que em um determinado período teve discordâncias com o governo de Mussolini e integrou-se na Escola Nova. Montessori se insere no movimento da Escola Nova (Saviani, 2008), onde se rompe os métodos tradicionais, no qual a criança é um sujeito passivo, sem a possibilidade de exercer a sua liberdade. Assim, observamos que o método acarreta o desenvolvimento de todas as faculdades do ser humano que precisam ser dilatadas.

À vista disso, compreendemos que a pedagogia montessoriana abarca não somente o âmbito educacional, mas também antropológico, filosófico, histórico e social, em razão de toda a evolução causada no ponto de vista da integralidade do homem que contém todos os aspectos fundantes das áreas citadas anteriormente. Mas, para que possamos compreender a pedagogia de Maria Montessori, é necessário fazer uma análise dos fatos ocorridos na Itália em meados do século XX.

Desse modo, o trabalho realizado na *case dei bambini* de acordo com Renato Foschi (2014) retrata a finalidade essencial da ciências humanas no princípio do século XX: tirar a investigação, o experimento para fora dos laboratórios. Entretanto, torna-se difícil fazer uma análise historiográfica do seu processo de aplicação dado que “as ciências comportamentais nasceram em diferentes e múltiplas declinações de ambientes culturalmente distantes dos outros” (FOSCHI, 2014, p. 14, tradução nossa)¹.

Dando continuidade, aludimos de um modo profundo acerca da liberdade da criança, um conceito importantíssimo para Montessori, entretanto, com um significado oposto ao que conhecemos. Anna Maccheroni (1947) vai afirmar que além da liberdade ser uma concepção de valor altíssimo, não diz respeito a satisfação dos desejos momentâneos, e sim em trazer a dignidade que cada indivíduo possui, ocasionando a sua ação ativa no mundo e a sua autoeducação.

Assim sendo, o que se segue nas páginas seguintes é a relação principal do conceito da educação Montessori, que a priori é apoiado na ideia do professor como um observador, ou mediador, como diz Vygotsky (1998). O educador deve conhecer

¹ “las ciencias del comportamiento nacieron en diferentes y múltiples declinaciones de ambientes culturalmente lejanos a los nuestros”.

a criança, seus desejos e intencionalidades, para que assim o educando consiga fazer a manipulação da sua realidade.

2. BIOGRAFIA DE MARIA MONTESSORI

Maria Tecla Artemísia Montessori, nasceu em 31 de agosto de 1870 na cidade de Chiaravalle, interior da Itália, e faleceu em 6 de maio de 1952 em Noordwijk, na Holanda. Todo o seu itinerário foi vivenciado de uma forma na qual ia contra os ideais de seu tempo, uma vez que as mulheres não eram inseridas nas instituições acadêmicas e eram vistas somente como cuidadoras de seus lares. A princípio, Montessori encaminhou os seus estudos para a área de engenharia, formando-se na Escola Técnica Leonardo da Vinci em 1892. Este diploma deu a possibilidade de sua admissão no curso de Medicina na Universidade de Roma, desse modo, em 10 de julho de 1896 tornou-se a primeira mulher formada em medicina na Itália. Posteriormente, em 1897, ocorreu o seu ingresso na equipe da Universidade de Roma como voluntária, desenvolvendo o seu trabalho no campo da psiquiatria.

Em 1898, nasceu o seu filho Mário, fruto do relacionamento com o médico Giuseppe Montesano. Neste mesmo período, em conjunto com Montesano fundou em Roma a sociedade *Per La Donna* (Para a Mulher), cujo objetivo era colaborar com a formação social e intelectual das mulheres que estavam inseridas em um corpo social que omitia as suas potencialidades, acarretando a impossibilidade de ocuparem os espaços acadêmicos e de trabalho. Além disso, Montessori possuía um interesse e demandava parte de sua vida para as causas relacionadas às condições da mulher. Sendo então, representante da Itália no Congresso Internacional Feminino em Berlim e atuante em trabalhos relacionados a associações feministas.

Dando continuidade no que se diz respeito às mulheres, em Londres no ano de 1899, Montessori esteve presente no Congresso Feminista Internacional que ocasionava questões alusivas a primeira onda do movimento feminista no século XIX, o qual questionava a conjuntura dos casamentos arranjados, falta de direitos e os impasses para o seguimento da carreira acadêmica e profissional. Ainda neste tempo, realizou-se a fundação da “Liga Nacional para a cura e educação das crianças de mentalidade deficiente”, comparecendo em um congresso em Turim do qual discutiu sobre a temática.

A partir dessa situação, a sua tese que expõe a necessidade de um método pedagógico adequado para as crianças atípicas se sobressai em contrapartida ao

pensamento de precisarem apenas de assistência médica. Ou seja, Montessori considera que o desenvolvimento desses indivíduos está intimamente ligado com os aparatos educacionais que emergem de todas as suas necessidades.

Em 1902, Maria esteve presente no Congresso Pedagógico de Nápoles para apresentar os efeitos dos seus estudos em medicina e educação. Além disso, também argumentou sobre os trabalhos de Itard e Séguin, autores que fizeram parte de toda a sua trajetória intelectual.

O contato com as obras desses autores, e de uma maneira específica com o trabalho realizado através do menino Aveyron; que de um modo sintético foi encontrado em 1799 nos bosques do sul da França com aproximadamente 11 anos e sem nenhum traço de comportamento humano, assemelhando-se com um animal selvagem. Para realizar as intervenções com o menino, o psiquiatra Jean Itard (1774-1838) o abrigou a fim de educá-lo e proporcionar a sua autonomia. As intervenções foram eficazes, pois além de conseguir efetuar tarefas da vida cotidiana, como se vestir e tomar banho, aprendeu similarmente a articulação de algumas palavras. A partir dessa situação, Montessori acrescenta as suas observações referentes à deficiência mental, considerando ser um problema pedagógico do que um problema médico.

Os rudimentos que antecederam o seu trabalho educacional foram baseados em um ensino sensorial que tem por intuito a facilitação das crianças em “aprender sozinha, manipulando materiais preparados para satisfazer suas necessidades e possibilidades” (Perry, 2017, p.9). Desde então, o método no qual tinha formulado para trabalhar com as crianças foi se expandindo e se tornando cada vez mais visível no tocante à educação.

Em 1909 efetuou-se um marco importante para a sua vida, em meio a todo crescimento do método, presença em congressos e discussões sobre a sua linha de pensamento, Montessori publica o seu primeiro livro intitulado como “O Método da Pedagogia Científica”, igualmente, “A Descoberta da Criança”. Nessa obra a autora descreveu as suas vivências experienciadas na creche de um bairro de Roma, San Lorenzo, onde acolhia aqueles que eram pobres e necessitados de ajuda.

Mário M. Montessori (1965), afirma que através dessa ocasião “a autora teve a oportunidade de realizar essa ‘descoberta da criança’, ponto de partida de seus estudos sobre as leis vitais e fundamentais que regem o desenvolvimento psíquico e

intelectual". Essa ideia integral da criança foi difundida em vários países e escolas acarretando um interesse maior na autora em continuar realizando o seu trabalho ao ponto de vários continentes terem escolas montessorianas organizadas, como na Ásia, Síria, Índia, China, Japão, África, Egito, Marrocos, dentre outros.

No Brasil, em 1957 deu-se início aos cursos de formação para professores promovendo experiências educacionais baseadas nos ideais da autora. As informações sobre o método no Brasil são limitadas devido a maioria de suas obras estarem escritas em outros idiomas. Por outro lado, é possível observar um pequeno número de movimentos pertencentes à autora, decorrendo, dessa forma, em 1950, a fundação da Associação Montessori no Brasil pela educadora Piper de Lacerda Borges Almeida. Adiante, os alunos da escola Normal Anhanguera redigiram uma carta para Piper, publicada na revista da Educação em 1951, em prol de suas iniciativas em função da disseminação da metodologia de Maria Montessori.

Perante ao exposto propósito da educadora, é importante salientar que o crescimento da difusão das ideias e das escolas, ocorreram em sua maioria na rede privada de ensino, focando no desenvolvimento infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental. Segundo a Organização Montessori no Brasil, as instituições estão localizadas principalmente nas capitais e nas grandes cidades. Em 2009 foi contabilizado 50 escolas espalhadas no território brasileiro, sendo nos estados: Pará (1), Maranhão (2), Piauí (1), Pernambuco (1), Alagoas (1), Bahia (9), Minas Gerais (3), Mato Grosso do Sul (2), São Paulo (8), Rio de Janeiro (9), Paraná (1), Santa Catarina (4), Rio Grande do Sul (3) e Distrito Federal (3). No entanto, um número reduzido do ensino público experienciaram o método, pelo o que se verifica, encontra-se um trabalho concreto e efetivo realizado na educação infantil desde 1973, em Valinhos - SP.

Outro assim, apesar de toda a sua expansão e avanço em vários países e realidades, o momento mais significativo aconteceu em 1913, quando Montessori visitou os Estados Unidos; recebida por Alexandre Graham Bell, que lhe pediu para preparar um espaço para os seus filhos. Já em 1915, foi concretizado uma Casa da Criança (Case dei Bambini) com as paredes de vidro, facilitando a contemplação dos detalhes materiais do método e o manuseio dos mesmos.

Como o encadeamento do método, Montessori percorreu por incontáveis localidades, experienciou diversas culturas, e dedicou o seu legado, transformando a

educação em uma tríade: ambiente, aluno e educador. Priorizando o desenvolvimento pleno desses sujeitos.

Desse modo, após toda a sua dedicação aos pequeninos, a pensadora em 1952 publica o seu livro denominado *Educação para a Liberdade* e morre em Noordwijk, Holanda, tendo como um gesto de homenagem o seu enterro no cemitério das crianças como um sinal de toda a sua dedicação e trabalho executado em todos estes anos.

2.1 Maria Montessori e seu Contexto Histórico

Para abordar sobre o contexto histórico da educadora Maria Montessori, torna-se necessário retratar sobre os acontecimentos do período em que viveu, dado que houve uma influência para a criação de seu método bem como a formação de sua própria personalidade individual como mulher, estudiosa e educadora. Desse modo, entre 1815 e 1870 houve um movimento intitulado como *risorgimento* que teve como objetivo unificar o país, pois a Itália era composta por estados independentes, apesar da cultura ser semelhante entre os locais, não havia uma unificação política. Sendo assim, o sentimento de nacionalidade da península itálica acarretou todo o movimento que posteriormente iria acontecer.

Assim sendo, além de todo o movimento político, a educação de um modo similar passou por mudanças, intensificando as atividades pedagógicas que tinham como efeito a articulação de projetos referente a reforma escolar e fatores ideológicos de cunho político e religioso. Segundo Cambi (1999), podemos definir a pedagogia do *risorgimento* em quatro pontos: educação pública que é estabelecida como laica (Cuoco a Cattaneo); espiritualismo de Rosmini e de Gioberti; teses dos católicos liberais; reformismo educativo de Aporti e Mayer. Todos esses fatores demarcam uma forte intenção governamental, dado que os interesses eram de formar o homem-cidadão responsável e com senso liberal-democrático; Cambi retrata esse momento como um esforço em “pedagogizar a sociedade”. (Cambi, 1999, p. 444).

Em vista disso, podemos contemplar de um modo geral quais eram as implicações do período vigente ao nascimento de Maria Montessori, visto que a partir desta época surgem outros movimentos que impactam de um modo direto os estudos da educadora, como por exemplo: o positivismo. A priori, o positivismo

italiano apesar de ser acometido por religiosos e mais tarde pelos idealistas, teve uma importância relevante para a área da pedagogia, uma vez que é propagado a exaltação da ciência e que linhas do caráter filosófico oposto não exprimiam a verdade do conhecimento.

Embora a pedagogia positivista tivesse o seu eixo central no cientificismo, discutia questões referente à sociedade, pois a educação é um instrumento de transformação, desse modo, assuntos como o laicismo; pedagogia e sociedade; educação como ato político; problema na didática educacional, eram aludidos de uma maneira radical, para que assim o progresso social pudesse ser gerado. Posto isto, a autora perpassou pela corrente do positivismo de uma maneira crítica, pois como salienta Foschi (2014, p.26), Montessori queria

construir uma nova psicologia da aprendizagem que visasse respeitar o potencial de desenvolvimento da criança e de sua personalidade, criticando a investigação abstrata sobre a criança e, ao mesmo tempo, expondo-se às críticas provenientes tanto do mundo universitário como das tradições pedagógicas idealistas católicas. (tradução nossa)²

Logo após as correntes relatadas, outro fator pertinente para explicar é a sua união com o governo de Mussolini (1883-1945) que foi motivo de estranhamento, dado que o governador ao ver a expansão do método começou a financiar as escolas montessorianas; em contrapartida, o seu apoio não perdurou por muito tempo uma vez que Montessori tem seus princípios e filosofia fundamentadas na paz, o financiador influenciava as crianças a conquistar os seus ideais por meio de guerras. Sendo assim, por decorrência das diferenças tão evidentes, as escolas foram fechadas e a relação entre eles se findou. Montessori se muda para Espanha e em 1937 busca refúgio na Holanda.

Além do breve decurso experienciado, Maria Montessori também se encontra no período histórico e educacional que se reconhece como Escola Nova ou Escolanovismo, iniciado na Europa em meados do fim do século XIX. A sua base tem como pressuposto examinar as práticas educacionais com o viés tradicional,

² querido construir una nueva psicología del aprendizaje que apuntase a respetar el potencial de desarrollo del niño y de su personalidad, criticando la investigación abstracta sobre el niño y, al mismo tiempo, exponiéndose a las críticas procedentes tanto del mundo universitario como de las tradiciones pedagógicas idealistas y católicas.

posto que as metodologias eram fundamentadas para privar o aluno de ser ativo em seu processo de ensino e aprendizagem. Foi então, com o movimento da Escola Nova que a educação passou a ser discutida de uma maneira mais ampla, abordando os aspectos intelectuais e a realidade na qual o homem está inserido. De acordo com Franco Cambi (1999, p.525), a Escola Nova

foi acompanhado e sustentado, ao longo de toda a sua fase de desenvolvimento, por um intenso trabalho de teorização destinado a trazer à luz os fundamentos filosóficos e científicos dessa ampla renovação da pedagogia, bem como os objetivos educativos básicos que ele vinha afirmando em nítida oposição à escola e à pedagogia tradicionais, acusadas de uma falsa concepção da natureza infantil (por desvalorizarem seus aspectos ativos e produtivos), de uma visão “separada” do ensino (como momento que se diferencia nitidamente da experiência vivida das crianças e a ela se opõe) e de uma interpretação do trabalho mental em chave predominantemente mecânico- repetitiva e nem um pouco criativa.

Desse modo, percebe-se que a grande finalidade do movimento era de formar um projeto de educação no qual os alunos pudessem ser membros ativos desse processo, bem como o encadeamento de sua emancipação. No que diz respeito ao papel do professor, ele muda a sua finalidade, antes era encarado como centro do ensino, posteriormente com o movimento passa a ser um facilitador, aquele que orienta e estimula a aprendizagem. Por outro lado, a Escola Nova a priori não realizou intervenções efetivas com a classe trabalhadora, denominado por Nogueira (1986) como marginalizados. A transformação no âmbito escolar aconteceu apenas em pequenos grupos de elites devido ao alto custo em suas organizações.

Nogueira elucida esse fato quando argumenta “a Escola Nova aprimorou a qualidade do ensino dirigido às elites, tornando-se, assim, discriminatória e agravando o problema da marginalidade” (Nogueira, 1986, p.30). É importante destacar esse fato dado que Maria Montessori foi uma das teóricas em evidência no que se refere ao movimento internacional. A sua contribuição foi significativa, pois trouxe a ideia de não reformar os métodos apenas por eles mesmos, mas sim de contribuir para a formação integral do homem.

Em analogia com o pensamento do autor Nogueira, é possível evidenciar a mesma consequência relacionada aos marginalizados no método Montessoriano. O seu intuito inicialmente era atender as crianças com deficiência internadas em

instituições (manicômios e orfanatos) cujo tratamento era prejudicial para o seu desenvolvimento. Desse modo, Montessori iniciou o seu trabalho em prol de possibilitar um progresso integral e a garantia da qualidade de vida para as crianças. Todavia, o seu método foi sendo difundido e alcançado pelas classes dominantes, impossibilitando a sua aplicação aos mais necessitados, aos grupos marginalizados.

Esse fato se comprova ao analisarmos as escolas brasileiras que aplicam o seu método, a maioria se enquadra nas instituições privadas, e a camada baixa da população se limita a uma péssima qualidade de ensino. É importante frisar que este não era o objetivo de Montessori, uma vez que sua prática demonstra com clareza as suas intenções e qual população desejava alcançar.

Portanto, a sua contribuição para a Escola Nova e suas indagações acerca do positivismo se funda em trazer uma perspectiva para além das preferências da criança, os seus interesses e ideais do catolicismo tradicional, mas sim um empenho em torná-las seres com disciplina, autonomia e com responsabilidade (Rohrs, 2010); desse modo, infere-se que este texto de conjuntura histórica disserta sobre o período da experiência educativa de Maria Montessori.

2.2 Obras e Contribuições Intelectuais

A educadora Maria Montessori detinha de um conhecimento exímio, e por consequência podemos vislumbrar e analisar as suas obras de cunho educacional e biológico. O seu primeiro acervo foi publicado no ano de 1909 intitulado por "O método da pedagogia científica", onde apresenta a sua trajetória de vida, o desenvolvimento dos materiais e o fundamento de seu método, que permeia toda observação da criança no ambiente e os recursos disponíveis para o manuseio. Por conseguinte, *Antropologia pedagógica* (1910) ambos escritos possuem ideais do positivismo; a autora dá continuidade em suas obras, entretanto de cunho do direito e defesa da infância, religiosidade do homem, como decorre em *O segredo da infância* (1938), *A formação do homem* (1949) e *A mente absorvente* (1952).

Adiante, a autora desenvolveu em cerca de quatorze livros discutindo e expondo as suas percepções relacionadas com a formação integral do homem e argumentando de uma forma detalhada sobre a criação da sua metodologia. Entretanto, é possível notar o pequeno número de livros traduzidos para o

português, impossibilitando que outros educadores que não dominam o italiano e inglês tenham acesso ao conteúdo.

No que diz respeito às questões intelectuais de Montessori e a sua colaboração para a área, vemos alguns teóricos como Freud e Piaget elogiando o seu trabalho e suas concepções. Em 1917, Sigmund Freud argumentou sobre Maria Montessori: “Como todos que trabalham com o estudo da vida psíquica da criança, eu me sinto em profunda simpatia com seus esforços, que demonstram ao mesmo tempo amor e conhecimento do homem”. Assim como teórico, Jean Piaget também reconheceu o seu trabalho e manteve contato com Montessori, contribuindo por muitos anos com a Associação Montessori na Suíça.

Desse modo, nota-se a grande colaboração da educadora não só no âmbito educacional, mas também na área de pesquisa, no auxílio com outros autores e um nível alto de pessoas que acreditam e seguem os seus ideias; Montessori de fato eleva os conceitos de educação e todas as facetas que envolvem o ser humano.

2.3 Método Pedagógico de Maria Montessori

O método de Maria Montessori foi criado por meio da observação do comportamento das crianças nos ambientes que propiciam o seu processo de desenvolvimento. De uma maneira similar, a educadora observava as atitudes dos indivíduos nos ambientes não estruturados com a finalidade de compreender como as crianças se comportavam nos meios distintos.

Assim sendo, o método Montessoriano também é apoiado na ideia do professor como um observador, ou mediador, como diz Vygotsky (1998). O educador deve conhecer a criança, seus desejos e intencionalidades, para que assim o educando consiga fazer a manipulação da sua realidade. Dialogando com o que é real, tudo é feito para que a criança consiga ser autônoma e capaz de crescer e viver no mundo.

Logo, percebemos que a educação de Maria Montessori visa algo além do âmbito educacional, isto é, fazer com que o sujeito através do ambiente consiga desenvolver a sua personalidade. Desse modo, a metodologia Montessoriana é respaldada em uma tríade: *o aluno, o ambiente e o educador*.

A prática do método montessoriano proporciona ao educando a vivência no processo de autonomia. Os materiais ficam localizados em lugares onde a própria

criança consiga alcançar e o manuseio desses objetos devem levar a criança a descobrir relações, construir o seu conhecimento acerca das letras, números, assim como também o exercício da vida cotidiana, que ademais é executado por meio de abotoar, dar laços, varrer, lavar, e por intermédio de tudo aquilo que desenvolva os sentidos.

É evidente que a maior preocupação de Maria Montessori era o desenvolvimento completo da criança, dando-lhe a possibilidade de experienciar todas as suas habilidades e, como também, desenvolver novos conhecimentos. Além do mais, a educadora propaga um valor no que diz respeito à liberdade do indivíduo no meio em que está inserido. Para deslindar melhor essa ideia, a autora Pilar Espejo (2009, p.12) argumenta que

o primeiro componente básico é a liberdade, pois só numa atmosfera de liberdade nos poderá revelar a criança. Como dever do educador é identificar o desenvolvimento infantil e contribuir para ele, ele deve ter a oportunidade de observá-lo em um ambiente tão livre e aberto quanto possível. (tradução nossa)³

No tocante à formação humana, nota-se que é um fator de extrema relevância contido no método, visto que a educadora possui uma visão primorosa acerca deste tema. Para ela, a educação deve ser transcendente, isto é, uma educação que desenvolva todas as faculdades humanas, não somente a intelectual, mas como também a sensorial, emocional, espiritual, etc. Esse princípio está relacionado com o papel do professor(a) uma vez que ele(a) deve atender as necessidades reais dos alunos, que em contrapartida não se limita em apenas aprender cartilhas ou ler de uma forma mecânica. Montessori (2017, p.22) esclarece essa visão quando afirma:

A criança que terminou o estudo da cartilha tem a ilusão de que sabe ler: de fato, lê os nomes das lojas comerciais, os títulos dos jornais e as palavras ou frases que, casualmente, seus olhos enxergam. Compreenderiam que estão completamente enganadas se, entrando numa biblioteca, quisessem entender o sentido do que lê nos livros. Então descobriria que “saber ler mecanicamente” não significa muita coisa, e sairia da biblioteca para voltar à escola.

³ El primer componente básico es la libertad, ya que sólo en una atmósfera de libertad se nos podrá revelar el niño. Como el deber del educador es identificar el desarrollo infantil y contribuir a él, debe tener la oportunidad de observarlo en un medio ambiente tan libre y abierto como sea posible.

Compreende-se que essa percepção do método ultrapassa as barreiras da superficialidade, posto que o educador deve levar ao educando as possibilidades da compreensão da vida, pois assim ele não estará só lendo os instrumentos contidos em um soneto de Shakespeare, mas sim adentrando em sua personalidade, transformando-o e progredindo em sua formação.

3. UMA REFLEXÃO ACERCA DA OBRA “A DESCOBERTA DA CRIANÇA: PEDAGOGIA CIENTÍFICA”

3.1 O Ambiente

O livro *A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica* publicado pela editora Kírión 1ª edição (setembro de 2017) contém vinte e quatro capítulos que irão abordar sobre a raiz do método e de como colocá-lo em prática. O primeiro capítulo é intitulado “O Ambiente” que a priori trata sobre o âmago da metodologia montessoriana: a observação. Essa observação se dá por meio de um ambiente no qual o aluno possa exercer a sua liberdade e revelar as suas qualidades e necessidades, que, de algum modo, se oculta em ambientes que levam à repressão.

Torna-se necessário que o professor tome o lugar de observador para que assim exista também um objeto para ser observado. Ou seja, nas atividades as crianças trabalham com materiais, como por exemplo: as formas geométricas, e nesse momento ela conseguirá manifestar e revelar características importantes de sua natureza. De uma maneira distinta, Montessori afirma que a criança é capaz de realizar as manifestações sem o objeto, entretanto, não será possível evidenciar os maiores caracteres.

Para além da observação, a teórica constatou que a mobília escolar era um fator esquecido pelos professores de sua época. Por esse motivo, iniciou os seus estudos para buscar um padrão de mobília que fosse proporcional à criança, que ajudasse a agir de uma forma inteligente. Dessa maneira, percebeu-se a necessidade de ter móveis da altura da criança, mesas e cadeiras pequenas que possibilitam o manuseio e a vida ativa.

Ademais, é possível notar que Montessori pensou em um ambiente escolar todo preparado para o desenvolvimento das faculdades humanas, não se limitando apenas aos materiais concretos, mas em como as atividades externas podem afetar o interior humano e consequentemente o seu desempenho. Dito isso, a autora se aprofunda nesta ideia ao constatar que além da preparação do ambiente e sua estruturação, esses locais precisam ter centelhas do divino, ou seja, símbolos que levam a transcendência do ser.

Um dos maiores exemplos encontramos na *case dei bambini*, há um local onde fica à vista de todos o quadro policromo da *Madonna dela Seggiola* idealizado

por Rafael. Montessori afirma que "as crianças não poderão compreender a significação simbólica da *Madonna dela Seggiola*, mas intuíram nesse quadro algo de mais elevado que nos outros." (Montessori, 2017, p. 52).

Prosseguindo neste assunto, a metodologia montessoriana possui um viés religioso, uma vez que todo o contexto histórico de sua época era influenciado pelo catolicismo, pois representava um grupo de intelectuais bastante uniforme, presente em temáticas referente à educação, economia e cultura. Entretanto, essa ligação de Maria Montessori e a religião católica transcorre pelo fator substancial de seu método: assim como na *case dei bambini*, os móveis eram preparados para as crianças, no ambiente sagrado, na igreja, o ambiente deve ser ordenado do mesmo modo. Sobre esse ponto ela argumenta que

O primeiro estágio consistiu na preparação do ambiente: a igreja das crianças, visto que todas as igrejas deveriam ter um lugar reservado aos "pequenos" fiéis. Mobiliamo-la com pequenos genuflexórios e, mais baixas, as pequenas pias de água benta, como também os diversos quadros, que revezamos de conformidade com o tempo litúrgico; havia também imagens, isoladas ou em grupos, representando o nascimento ou fuga para o Egito, etc. (Ibid., p. 295).

Igualmente, trata-se sobre o silêncio e a formação da alma infantil, que através do mistério experienciado na Santa Missa, consegue desenvolver fatores próprios de sua personalidade, como por exemplo a percepção da bondade e da maldade. A analogia entre o ambiente escolar e o ambiente sagrado percorre todo esse percurso, fomentando a unicidade entre ambos. De uma forma prática, os alunos construíram um jardim para produzirem trigo e depois foi plantado uma videira para que assim pudesse representar os dois elementos eminentes da Santa Missa: Pão e vinho, matérias da consagração eucarística. Portanto, sobre a educação religiosa, Montessori expõe que a "experiência em educação religiosa não representa senão uma tentativa; mas indicam a possibilidade prática de introduzir a religião na vida das crianças como um manancial de alegria e grandeza." (Montessori, 2017, p. 300).

Em seguida, voltando ao ambiente escolar, Montessori faz uma crítica referente aos métodos arcaicos que tem como pressuposto a ideia da criança como um ser que precisa estar imóvel para que a aprendizagem possa acontecer. No período no qual a autora estava inserida, houve uma crítica acerca das mesas

serem pregadas no chão para impossibilitar que carregassem para outro lugar provocando barulhos. A respeito dessa percepção, Montessori afirma que as mesas e cadeiras pequenas permitiriam à criança escolher o lugar onde deseja ficar e também ajuda na construção do sinal de liberdade.

No tocante à educação antiga, notamos que um dos princípios fundamentais é baseado na disciplina onde o indivíduo passa a ser controlado e obrigado a cumprir regras que os superiores ditam. Em contrapartida, Maria Montessori alega que assim como as crianças, a disciplina também deve ser ativa, pois para ela, “é o indivíduo que é senhor de si mesmo, e, em decorrência, pode dispor de si ou seguir uma regra de vida.” (Ibid., p.54). Isto é, a disciplina ocorre através do desenvolvimento de um conhecimento que vai além do âmbito educacional, além da idealização do silêncio absoluto em sala de aula e de alunos quietos e passivos; a verdadeira disciplina faz com que o indivíduo tome consciência do seu lugar no mundo e a possibilidade de criação de ferramentas para saber como agir diante das situações triviais.

Essa visão de disciplina deve ser observada pela professora, uma vez que o seu papel exige uma estratégia especial para não torná-la autocrática. Portanto, a regente de sala deve ter o verdadeiro interesse em observar os fenômenos decorrentes ao desenvolvimento dos educandos e ter um posicionamento considerado mais paciente que ativo. Ou seja, por meio da observação será alimentada a atenção que deve ser depositada em cada processo educativo.

Esse fato deve ser ponderado pela educadora, visto que tal critério se torna mais rigoroso quando se trata de crianças que estão despertando as suas primeiras impressões no mundo. Não é factível que sufoque um ato espontâneo realizado pelo sujeito, pois não é apenas o seu agir mas também a sua própria vida que é contida. Acerca desse fator, Montessori afirma que “a humanidade, que já se pode vislumbrar na infância como Sol na aurora, deve ser respeitada com religiosa veneração; e todo ato, para ser eficazmente educativo, deverá favorecer o completo desenvolvimento da vida.” (Montessori, 2017, p.55).

Para que possa obter os resultados efetivos no progresso dos alunos, foi possível notar algumas adversidades. Tendo em vista que a função do educador na época era ser autoritário e fazer com que o ensino fosse totalmente passivo. Entretanto, o educador está tão focado nessa ótica que faz com que o sentido de

ordem e disciplina se percam. Isto acontece em efeito das atitudes sem intencionalidade educativa, já que a ordem e disciplina vem como uma forma de inibição dos movimentos do sujeito, tornando-o uma criança paralisada.

O autor Marcel Prévest, em seu livro *Lettres à Francoise maman* diz: “educação, o teu nome é paciência”. Essa afirmação vai de encontro com uma das principais ideias de Maria Montessori acerca do papel da educadora. Ela afirma que é preciso ter paciência para observar o comportamento dos alunos e não interferir na realização de suas atividades, uma vez que é concedida a autonomia para que a própria criança consiga por meio de suas potências realizar e experienciar a auto educação.

Quando nos referimos sobre a autonomia, é comum relacionar-se com a ideia de liberdade, pois o indivíduo poderá exercer a tarefa sem intromissão de outra pessoa, em sua plena e total autonomia. Entretanto, a liberdade está intimamente ligada com a independência, se a criança não é independente, logo, ela não será livre. Ao trazer o termo independência Montessori faz uma analogia com a servidão, pois acredita que devemos nos ajudar mutuamente e não depender dos outros de uma forma total, já que isso demonstra um estado de lentidão. Dito isso, a autora adverte que uma boa atividade pedagógica parte do pressuposto de mediar as situações e deixar com que os alunos assumam o lugar central da aprendizagem.

No decorrer da discussão acerca da liberdade da criança, Montessori argumenta em seguida que a sociedade foi estruturada para excluir e isolar os pequeninos, uma vez que não permitimos que eles ajam como tal, apenas esperamos que cresçam, se tornem seres humanos capazes de viver a vida por si mesmo, sem atrapalhar os outros. Sendo assim, a sociedade não foi feita para aceitar e compreender as crianças.

É relevante considerar essas pontuações, pois Montessori acreditava que as crianças possuem vida, não são seres inanimados onde não conseguem agir por conta própria como os brinquedos e as bonecas. A sociedade foi estruturada dessa maneira, a criança não sabe agir porque os adultos em nenhuma circunstância possibilita os meios para conquistar essas ações, acreditam na maioria das vezes que são seres incapazes de cumprir os deveres.

Por esse motivo que a servidão se torna algo inconcebível, posto que definha a atividade natural do indivíduo que é ser ativo. Assim sendo, o agir, o fazer o que

precisa ser feito é uma característica intrínseca do ser humano, e precisa ser valorizada desde a mais tenra infância.

Em suma, para que todo esse processo possa acontecer é fundamental que o ambiente esteja preparado, com mobílias da altura da criança e que faça um certo convite para que ela possa agir e realizar um trabalho real e fácil de ser atingido. Quanto aos objetos, eles devem partir de um conceito da vida cotidiana, tal como abotoar, varrer, estender tapetes e enrolar após usá-los, etc. O manuseio desses objetos geralmente acontece de uma forma díspar, isto é, uma criança faz uma tarefa e a outra se ocupa em realizar uma nova atividade distinta. Esse movimento possibilita o cuidado na resolução de problemas e em como lidar com os fatores que são dissemelhantes. Tudo acontece como um reflexo, uma ligação entre todos os fatores da vida humana: social, intelectual, afetiva, entre outros.

3.2 A Saúde

Em relação a este capítulo, Maria Montessori reitera que é primordial a ocorrência de uma ação interna para efetuar uma ação externa, em outras palavras, é importante que a criança esteja em um ambiente que propicie o desenvolvimento dos fatores internos e cognitivos. Para além disso, também se torna necessário que a mestra, termo utilizado por Montessori, seja mediadora nos feitos pertinentes à higiene.

À vista disso, a autora declara que a saúde pode de um modo similar ser referida além do campo físico, vegetativo; ampliando para uma vida moral, fortificando o espírito e proporcionando um ambiente no qual vai ocasionar a evolução total do indivíduo. Observa-se mais uma vez que o seu método vai além de uma instrução pedagógica, mas de um caminho, um processo que atinge todas a integralidade do sujeito.

3.3 A Natureza na Educação

O capítulo se inicia com o relato do menino selvagem de Aveyron, que cresceu longe da sociedade, pois foi tido como morto ao ser abandonado em um bosque por homens perversos. O menino conseguiu se curar por meio de recursos naturais e viveu por muito tempo em um estado de liberdade e nudez. Após ser capturado foi levado para Paris e inserido na sociedade humana, entretanto o seu

comportamento se manteve igual ao do bosque, completamente mudo e ao ser diagnosticado por Pinel, sua mentalidade era análoga a um deficiente mental.

Montessori traz como base o trabalho realizado por Itard, médico especializado em surdos e mudos. Ele se ofereceu para cuidar do caso e “acreditava que a inferioridade daquele selvagem dependia mais da falta de educação do que propriamente de defeitos orgânicos.” (Montessori, 2017, p. 73). Desse modo, observa-se o desejo de todos para que o menino voltasse a ter a sua vida como era antes do acontecimento no bosque, e para isso, o preceito básico foi reduzi-lo para a vida em sociedade e introduzir uma educação intelectual.

Dando um complemento a essa ideia, a autora faz uma crítica em relação à sociedade civilizada e o seu contato com a natureza. Ela argumenta que a natureza perdeu o sentido e foi reduzida à uma contemplação de um pássaro preso na gaiola, além disso, afere o fato das crianças viverem alheias à natureza e sobre a raridade de desfrutar o seu contato com os recursos naturais. Sobre esse assunto, Montessori (Ibid., p.76) afirma que

A natureza, pouco a pouco, ficou reduzida às flores que vegetam, aos animais úteis à nossa alimentação, aos nossos trabalhos ou à nossa defesa. E, com tudo isto, nossa alma como que “mirrou”; acomodou-se a tais contrastes e contradições, e, não raro confundimos o prazer de contemplar os passarinhos aprisionados em gaiolas com um nebuloso “amor pela natureza”.

Dá-se a entender que a estudiosa tem as suas considerações no que concerne à natureza para além da que temos atualmente, pois seu conceito se expande a uma ânsia de que todos voltem a ter o contato com os recursos naturais. Contudo, as pessoas possuem um certo medo de contrair doenças ao fazerem esse contato, como por exemplo um banho frio, sentir o vento, entre outros; isso torna o ser humano cada vez mais prisioneiro de recursos que não contribuíram para o seu crescimento pleno, tornando-o seres fechados e isolados.

Em relação a natureza na educação escolar, de uma maneira prática o professor(a) pode introduzir com os seus alunos de modo que desperte a sua curiosidade, essa execução não se torna difícil, como atesta Catherine L'Ecuyer “a curiosidade é um mecanismo inato na criança. Nasce com ela. Mas, para que a curiosidade possa funcionar bem, a criança deve estar em um ambiente que a respeite.” (L'Ecuyer, 2016, p. 31).

Por conseguinte, sabendo que a curiosidade é algo natural da criança e para que se torna efetivo é necessário um ambiente preparado e que a respeite; as atividades podem ser feitas de uma maneira simples e descomplicada, focando no elemento cardeal: deixar a criança agir. Antes de contemplar uma rosa no jardim, deixe com que ela mesma possa fazer o processo de plantação, colocar a semente, adubar e regar; deixar na sala de aula uma planta ou um animal que possa ser cuidado pelos alunos ao longo das aulas. Por fim, todas as atividades irão colaborar para o desempenho dos alunos, pois garante a conquista de novas habilidades e novos conhecimentos.

3.4 O Homem Vermelho e o Homem Branco

Ao iniciar este capítulo, Maria Montessori diferencia o homem vermelho do homem branco. O homem vermelho é a representação da vida vegetativa, já o branco pertence aos órgãos do sentido. Apesar de suas diferenças, estes dois “homens” estão intimamente ligados, uma vez que uma parte não funcionaria sem a outra.

Dando continuidade ao assunto, sabendo dessa ligação entre a vida vegetativa e dos sentidos, a autora elucida sobre a educação dos movimentos - um princípio da metodologia totalmente prático, ou seja, irá trabalhar os músculos em prol do progresso da personalidade infantil, pois Montessori crê que uma criança evoluída é aquela que sabe dominar os impulsos.

Todos temos a noção que o movimento é uma necessidade primordial da etapa infantil, entretanto, ao observá-los notamos que esses movimentos são distintos da fase adulta e para se tornar eficaz Montessori cria um meio através do uso dos tapetes. Os tapetes foram aderidos para facilitar o trabalho com os materiais no chão; nesse momento não há interferência do adulto.

Outro tema importante no que diz respeito aos movimentos é a ginástica e o trabalho. Os exercícios da vida cotidiana, para Maria Montessori, são uma verdadeira ginástica onde exercita todos os músculos, todavia, há uma diferença entre eles: os exercícios da vida prática têm uma novidade, uma curiosidade; é uma fase na qual os músculos estão se formando, eis a sua importância.

Em seguida, verificamos em toda metodologia o seu preceito prático e para que esse aspecto seja efetivo é preciso oferecer para a criança um ambiente que

estímule o trabalho com a musculatura como por exemplo: enrolar tapetes, escovar sapatos, arrumar o quarto, abrir janelas, etc. É considerável frisar que todas as atividades são realizadas de acordo com as condições da instituição e suas carências.

Além desse funcionamento citado anteriormente, existem do mesmo modo as vozes que chamam, convidam à ação, alertam as crianças os seus afazeres. Essas chamadas de vozes podem ser caracterizadas por meio de objetos coloridos, organizados e lúdicos. O papel do professor(a) nesse momento é encorajar a criança em suas tarefas, fazendo a mediação e não interferindo em suas manifestações. Além do mais, torna-se vital a análise dos movimentos, uma vez que o professor(a) também possui o papel de observador(a), o mesmo deve ter o foco em como está sendo realizado os movimentos, se há exatidão, e como os movimentos “indesejáveis” podem prejudicar o ser humano, acarretando a rudeza.

Para exemplificar esse fator, Maria Montessori traz um episódio da vida comum ao se referir a maneira que folheamos os livros, como vestimos ou trocamos de roupa, dentre outras conjunturas e afirma que o “mau uso que fazemos dos nossos pertences acaba também por prejudicar-nos, porque nossos movimentos todos padecerão de uma rudeza, de uma rusticidade que toldam a harmonia da nossa pessoa.” (Montessori, 2017, p.97). Dessa forma, a exatidão dos movimentos está agregada com o modo que comportamos em períodos corriqueiros, isto é, fazer movimentos completos, de uma maneira processual; não tentar abrir a porta antes de colocar a chave adequadamente.

Dando continuidade ao tema, avistamos a economia dos movimentos, um conceito que está ligado à ideia citada anteriormente. Os materiais que refletem a vida cotidiana são fundamentais para que desenvolva essas concepções, evitando de ocasionar atos inúteis. Os atos inúteis para Montessori são aquelas ações que se desviam do habitual, como por exemplo o rapaz que abre a porta do carro antes do motorista parar, tornando-se um ato inútil pelo simples fato de não ter como descer, pois o carro ainda está se locomovendo. Logo, essas séries de gestos englobam a vida prática das crianças, efetivando o seu posicionamento no mundo.

Outro meio possível para fortalecer os movimentos é a linha montessoriana. Ela foi criada para operar o equilíbrio da criança e para aperfeiçoar o movimento principal: o andar. Ademais, as escolas que aderiram esse recurso podem

igualmente levar os alunos na linha para desenvolver outras atividades, como por exemplo o manuseio dos objetos/materiais. Para Montessori (Ibid., p.99), a linha tem a seguinte função:

Tendo sido desenhada uma linha, em forma de eclipse no chão (poder-se á desenha-lá com giz; ou também com tinta, para que não desapareça tão depressa), caminha-se com o pé inteiramente na linha, dando a impressão de que a linha se projeta para frente partindo de sob a sola do sapato. A colocação exata dos pés é a primeira coisa a ser ensinada: a ponta e o calcanhar devem estar sobre a linha. Avançando sucessivamente os pés nesta posição, a pessoa inexperiente sentirá a impressão de perder o equilíbrio e cair. Trata-se de um esforço que deverá fazer, muito a propósito para incrementar o equilíbrio.

Sendo assim, a finalidade da linha se estende para além do equilíbrio, mas também para a atenção devida a cada atividade e suas percepções sensório-motora.

O trabalho para avançar os movimentos, geram, de certa forma, uma criança calma e capaz de efetuar tarefas mais complexas; do mesmo modo que acontece o aperfeiçoamento através da repetição dos gestos. Um fator importante nessa etapa é o silêncio, visto que as crianças precisam administrar as emoções do próprio corpo sem a ajuda de terceiros. Nesse aspecto, Montessori considera que por meio do autocontrole adquirido pelas crianças elas poderão ser livres do controle dos adultos.

Dando continuidade aos materiais de desenvolvimento sensorial, a autora certifica que a escolha deve ser livre sem a influência da professora, entretanto, torna-se fundamental que ela apresente os materiais para posteriormente a criança fazer a sua escolha. Cada objeto possui um único exemplar, para não correr o risco de escolher por imitação e por fim, “ a atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu e não pela vontade da mestra.” (Ibid., p.107).

3.5 Generalidades sobre a Educação Sensorial

Sobre essa temática, Montessori afirma que ao apresentar a educação dos sentidos abriu-se um novo caminho para as pesquisas psicológicas, visto que na época não existia nenhum método semelhante. Além do seu valor científico, é possível verificar o valor pedagógico, pois todo o preceito sensorial está embasado no desenvolvimento educacional das crianças.

Referente ao desenvolvimento sensorial, é necessário ter uma dosagem dos estímulos, pois é na primeira infância que a criança passa a aprimorar os seus sentidos. Montessori garante que “toda a educação da primeira infância deve estar penetrada neste princípio: o desenvolvimento natural da criança” (Montessori, 2017, p. 109). Percebe-se que toda a progressão da educação sensorial se dá por meio do respeito ao crescimento natural do indivíduo, respeitando as suas particularidades e auxiliando no ambiente em que se encontra. Ademais, para que a aprendizagem aconteça, é necessário o desenvolvimento racional para que assim possa ser gerado o que Maria Montessori denomina de mentalidade positiva.

A mentalidade positiva está ligada com a atenção devida a cada prática efetuada e a dosagem metódica de cada estímulo, para posteriormente as sensações se desenvolverem por conta própria, de uma maneira racional.

Outro fator predominante na educação dos sentidos: a observação da realidade e a contemplação da vida cotidiana. A autora acredita que através do trabalho sensorial realizado, os nossos sentidos ficam mais sensíveis, ou melhor, apurados e penetrantes; isso ajudará no entendimento sobre a beleza e a sua harmonia. Sobre a beleza não me refiro a concepção do belo, um conceito da educação clássica, mas sim a sensação de beleza, de organização que a harmonia traz. Sendo assim, “a educação sensorial é igualmente necessária como base para educação estética e a educação moral.” (Montessori, 2017, p.113).

Com relação aos materiais de desenvolvimento destinados à educação sensorial, verificamos que a sua construção se baseia em agrupamentos, cores, formas, dimensões, sons, peso, espessura, etc. Em questão de qualidade, todos possuem a mesma, entretanto em um grau diferente, isto é, cada objeto possui o seu nível de dificuldade e conforme a criança vai avançando o grau de complexidade também irá aumentar.

Cada objeto deve ter uma finalidade para ser trabalhada, assim como também um processo a ser seguido. Ele se inicia com o isolamento da qualidade dos materiais, isto significa que não ocorre a apresentação de todos os materiais uma única vez, o seu nível de dificuldade irá aumentar conforme as séries de repetições. Em segundo momento, é necessário ter o controle do erro, ou seja, o material de blocos de encaixe deve ter todas as dimensões corretas para que o aluno consiga fazer a junção. Outro fator que deve ser levado em consideração é a

estética, os objetos que são oferecidos precisam ser atraentes, como já citado anteriormente, as cores, o brilho, a espessura, tudo isso conta para que surja um interesse.

Posteriormente, aplica-se às possibilidades de auto-atividade, que se resume em objetos que não sejam apenas atraentes, mas que ofereça novas atividades e trabalhe ao máximo os aspectos próprios da etapa infantil. Montessori afirma que, materiais bonitos e com imobilidade não despertaram um interesse profundo e as crianças perdem o interesse facilmente, isso acontece por decorrência de não possuírem as possibilidades de auto-atividade, de uma ação realmente ativa.

Por fim, torna-se indispensável dispor os limites - esse é um dos princípios comuns dos meios de trabalhar com os materiais, uma vez que os limites vem como uma via de organizar o ambiente e ordenar os estímulos. Nesta parte, Montessori argumenta “enganamo-nos pensando que a criança cheia de brinquedos, sempre cercada de ajuda, deveria ser a mais evoluída.” (Ibid., p. 118), ela se refere desse modo justamente por conta do mito de quanto mais coisas tenho, mais inteligente e desenvolvido vou ser.

O excesso de brinquedos e estímulos são prejudiciais para as crianças, pois podem acarretar atrasos cognitivos, falta de concentração, dentre outros fatores. Desse modo, deve haver o limites dos objetos, fazendo com que a criança controle o caos interior, uma vez que não é sobre a quantidade de materiais, mas sim sobre a sua influência nas etapas do desenvolvimento.

O papel do mestre(a) em sua lição é ter palavras claras e práticas, isto significa ter uma certa objetividade em sua fala. Acerca desse tópico, Maria Montessori pontua que “a mestra não se perca em palavatório inútil, eis a primeira qualidade; a segunda, deriva da primeira: cada palavra tem seu peso e deve exprimir a verdade.” (Montessori, 2017, p.117). Esse fato é tão crucial para ela que logo em seguida vai afirmar que em certos casos as palavras não são necessárias, dado que se deve mostrar o manuseio dos materiais.

Para exemplificar como não praticar a inutilidade das palavras, a autora comenta sobre uma lição:

Vocês conseguem adivinhar o que tenho na mão”. Bem que as crianças não conseguem adivinhar; já está, pois, a atrair sua atenção para qualquer coisa de falso. Depois continuaria “ Olhem um pouco para o céu: agora, reparem bem no meu avental: sabem de que cor é ele? É da mesma cor que o céu?

Vejam agora esta cor aqui - é a mesma cor do céu e do meu avental: esta cor é azul. Haverá por aqui algum outro objeto azul? Vocês sabem, de que cor são as cerejas? etc, etc. (Ibid., p.120)

Vejamos, pois, a necessidade de trabalhar com o real, com aquilo que é concreto e perceptível para as crianças. Apesar das adivinhações deixar o ambiente mais divertido por conta das hipóteses, quando nos referimos a metodologia montessoriana não convém implementá-las devido a sua abstração; isso fará com que a criança se perca do que realmente importa naquele momento: aprender algo novo.

3.6 Os Exercícios

Neste capítulo, Maria Montessori traz alguns conceitos básicos para praticar a sua metodologia, pois não é apenas deixar com que a criança manuseie os objetos, mas também de observar quais áreas estão sendo desenvolvidas e como ela deve ser realizada. Desse modo, os exercícios feitos por ela possuem sempre uma intencionalidade.

Acerca dos conceitos, a autora inicia seus argumentos referente a técnica de iniciação aos exercícios táteis. Nesse momento, os exercícios devem se limitar às pontas dos dedos, fazendo uma correspondência a longo prazo com a preparação para a escrita e também para a vida e suas demandas. De uma maneira prática, a criança aprende a lavar as mãos; sentir diferença entre a água fria e morna; tocar em materiais com espessuras distintas: lisas, com lixa, papel esmeril, graduado; diferenciação entre pesos, dentre outros.

Em todas essas atividades as crianças ficam com os olhos fechados e conforme os exercícios sensoriais vão se ampliando o estímulo sensitivo vai acarretar a conquista de determinar e aguçar os movimentos. Isto é, a criança começa a perceber as dessemelhanças sensoriais dos objetos de uma maneira habilidosa e de acordo com os seus avanços as atividades se tornam mais complexas.

Posteriormente, temos o sentido estereognóstico que de acordo com Maria Montessori é quando “duas sensações fundem-se conjuntamente: sensação tátil e sensação muscular, pondo em atividade esse sentido que os psicólogos denominam de sentido estereognóstico.” (Montessori, 2017, p.130). Ou seja, é a fixação na

memória da sensação dos objetos e também a memória dos movimentos já realizados.

Para exercitar esse ponto, Montessori utilizou por primeiro os cubos e os grandes tijolos de Friedrich Froebel (1782-1852). Ela fez com que os alunos apalpassem cuidadosamente, com os olhos abertos os objetos e no decorrer da atividade demandava alguns feitos como por exemplo: colocar os cubos à direita e os tijolos à esquerda. Depois de feito com os olhos abertos, como já é marca da metodologia, o exercício foi se intensificando e logo após havia a solicitação para que realizassem a mesma tarefa com os olhos vendados. Montessori afirma que essa atividade era realizada com bastante exatidão, as crianças conseguiram finalizar de modo que com algumas repetições os erros foram naturalmente sendo eliminados.

Em seguida, é desenvolvido com as crianças a educação sensorial do gosto e do olfato. Esse trabalho era realizado através da ação de cheirar flores, perfumes, sabonetes naturais; adivinhar e diferenciar os cheiros, não somente de flores mas também de comida, e nesse quesito, Montessori reitera que com o progresso das questões olfativas, as crianças são mais abertas a consumir novos alimentos e despertar, desenvolver a exploração de si mesmo e do ambiente.

Desse modo, percebe-se a preocupação de Maria Montessori em desenvolver as habilidades das crianças de uma maneira total, colaborando com o progresso de sua vida, tornando-o um ser ativo e contemplativo. Me referi a contemplação, uma vez que o silêncio é um preceito caro no método montessoriano - não aquele que conhecemos hoje, que inibe e imobiliza as crianças como uma forma de opressão, mas aquele silêncio de contemplar a realidade, esperar o momento certo para falar, de observar o que está em volta, de trabalhar com os sentidos que de certa forma são transcendentais, afinal, todos nós precisamos um pouco do silêncio para viver bem.

3.7 A Mestra

O papel da mestra para Maria Montessori é de fundamental importância, uma vez que todo o processo de aprendizagem ocorre através de sua observação e mediação. É necessário que as suas práticas pedagógicas sejam transformadas,

pois não se trata de um método tradicional, mas sim de um método respaldado nos aspectos sensoriais e no ambiente em que a criança se apresenta.

No que diz respeito ao seu papel, torna-se basilar o entendimento de como deve ser o seu posicionamento, isto é, no momento em que está sendo realizado as atividades, a mestra deve conhecer de uma maneira profunda os objetos e os seus meios de desenvolvimento; de nenhum modo deve escolher os objetos para os seus alunos, entretanto, quando for expor os materiais, deve atentar-se às necessidades de cada aluno e desenvolvê-las de acordo com a finalidade dos objetos.

No que concerne aos materiais, o seu conhecimento deve ser pleno. A mestra além de estudar, observar e fazer exposições, deve manipulá-lo por um período para assim constatar por meio de sua própria experiência as dificuldades e facilidades do material que está sendo trabalhado. Além do mais, Montessori afirma que “cada objeto deve ter o seu lugar determinado, onde será encontrado sempre que não estiver em uso.” (Montessori, 2017, p.158).

Nota-se que a organização também faz parte de sua metodologia e colabora no crescimento e no senso de competição das crianças, uma vez que é compreendido que se o material não está no seu devido lugar, é porque está sendo usado por outra pessoa, logo, a criança com paciência espera até que o seu colega tenha terminado e colocado novamente em seu lugar. Desse modo, o desenvolvimento da paciência e da organização acarreta em um ambiente tranquilo e propício para o aperfeiçoamento natural das habilidades de cada indivíduo.

As atividades citadas anteriormente não são realizadas de qualquer maneira, existe uma técnica das lições. De um modo sinóptico, as lições são separadas em três tempos: No primeiro momento a mestra deve ser compreensível; possuir exatidão em suas palavras e efetuar a associação da percepção sensorial com o nome, ou seja, deverá ter clareza ao falar para que assim a criança associe o objeto ao seu nome. O segundo tempo podemos denominar de momento da interrogação, pois aqui verifica se a criança realmente assimilou e reteu as informações para identificar o objeto. Utiliza-se as perguntas: Qual objeto é liso? Qual é áspero?.

Por fim, temos o terceiro tempo que se baseia na lembrança dos objetos. Normalmente a mestra faz perguntas simples como: “o que é isto?” para analisar se a criança conseguiu efetuar com eficácia as etapas anteriores. É importante frisar que se ela não souber fazer as lições, não deve insistir, mas sim esperar outro

momento para que possa ser realizado novamente. Montessori salienta inúmeras vezes nessa obra que o erro não deve ser algo que persevere, pois pode afastar a criança e o seu interesse pela atividade.

Assim sendo, a mestra realiza o seu trabalho de um modo com que os seus alunos atuem ativamente e incluem as ações da vida cotidiana em suas tarefas, uma vez que a preocupação da autora era de desenvolver as crianças em um nível completo, colaborando com as suas ações triviais e sociais.

3.8 A Pedra de Toque

Maria Montessori utiliza o termo pedra de toque para denominar o movimento no qual a criança faz ao observar um ambiente e notar coisas que antes não eram evidenciadas. Para ela, a pedra de toque “possibilita tão admiráveis revelações entre as crianças e que as eleva sobre um plano não raro inacessível a nós como um fenômeno desconhecido até o momento.” (Montessori, 2017, p.178). Isso quer dizer que algumas habilidades psíquicas só são adquiridas em certas idades e após ultrapassadas em nenhuma circunstância será assimilado novamente.

Por isso, há aprendizagens que só podem ser desenvolvidas em determinada idade, passando pelo período de uma forma infrutífera não poderá ser recuperado. Assim sendo, a obediência perfeita (termo utilizado por Montessori) é sinônimo de imitação, tornando-se o seu auge de desenvolvimento na primeira infância, pois é nesse período que a criança começa a repetir as ações de pessoas que convive diariamente, como a sua família e amigos. Esse momento também pode ser chamado de período sensível, que para Montessori é “uma base para aquisições maravilhosas que mais tarde o homem não mais poderá efetuar”. (Ibid.,p.179).

Dando seguimento ao assunto, a ordem mental é um tópico relevante na metodologia montessoriana, uma vez que estabelece condições de uma vida organizada onde a criança conseguirá dar nome às coisas; isso acontece por interferência da instrução que é feita para colocar cada objeto em seu devido lugar. Após essa dinâmica a criança faz a associação entre o mundo exterior e interior, e a ordem começa a dar meios de ação em sua vida. Esse fato é extremamente importante, visto que a ordem interior também irá contribuir para o avanço educacional da criança.

3.9 A Linguagem Gráfica e Iniciação à Aritmética

Sendo o desenvolvimento natural da criança a concepção basilar do método montessoriano, não seria diferente no que diz respeito ao aprendizado da escrita e da leitura. Montessori acredita que esse processo também deve ser espontâneo e corresponder às necessidades específicas de cada indivíduo, isto é, introduzir os conteúdos típicos de cada idade. Sobre isso, a autora diz “ geralmente começa a ensinar o alfabeto e a escrita às crianças de seis anos, e considera-se quase um erro colocar na primeira infância em contato com o alfabeto.” (Montessori, 2017, p.193).

Essa afirmação ocorre em virtude dos fatores que tange o processo da leitura e escrita. O correto, para Montessori, é utilizar exercícios motores como por exemplo: passar o dedo no formato da letra, para ir fortalecendo a escrita em conjunto com a leitura, pois ao apresentar uma letra e sua grafia também é apresentado o seu fonema. As fichas de lixas se tornam instrumentos fundamentais para esse processo, sua execução se dá do seguinte modo: a criança passa o dedo no formato da letra e posteriormente faz o mesmo exercício sem o instrumento, para que assim possa fixar em sua memória no decorrer das repetições.

A experiência de Maria Montessori com os procedimentos da linguagem gráfica, se inicia em novembro de 1907. Nesse período é certificado pela autora que não existe uma idade exata para a criança ser alfabetizada, pois tudo acontece de um modo natural e a educação se volta para um estado personalizado, ou seja, através de investigações será possível perceber se está no momento certo ou não de inserir determinado conteúdo. A estudiosa também reitera acerca dessa discussão que “ é necessário procurar em que idade os mecanismos da escrita se acham prontos para se estabelecer; e, então, eles serão executados sem esforços, naturalmente, causando prazer e incrementando as energias vitais.” (Ibid., p.204).

Em relação aos mecanismos da escrita, é plausível atestar que são divididos em duas partes, sendo a primeira destinada à manipulação do instrumento e a segunda na forma em que desenha a letra. Esse mecanismo motor passa a ser explorado pelos instrumentos indiretos que podemos exemplificar com o modo no qual a criança segura o lápis e seus movimentos. Aqui, nota-se uma questão fundamental: a escrita é singular, dado isso, o respeito é a peça chave para tornar essa educação mais personalizada.

Com relação aos instrumentos, eles são variáveis, isto é, um dia a escrita vai sair com determinadas características e no período seguinte provavelmente será com atributos distintos, isso é normal porque esboça os traços de cada personalidade. Logo após desenvolver a escrita e os movimentos que a compõem, necessita trabalhar essa etapa de uma maneira separada. Montessori destaca essa fase em três momentos, sendo eles: os três dedos que seguram o instrumento, a mão leve e a mão firme.

Os três dedos que seguram o instrumento executam atividades a partir dos três anos de idade, as crianças manuseiam os cilindros dos encaixes sólidos segurando com os três dedos pela parte superior que tem a semelhança com as proporções de um lápis. “Os três dedos fazem e refazem, um grande número de vezes, este exercício, que coordena os órgãos motores da escrita.” (Montessori, 2017, p.206) .

A mão leve similarmente desempenha a tarefa com crianças de três anos, que molha os seus dedos em uma água morna com seus olhos vendados para conduzir as suas energias em um único objetivo: “manter a sua mão erguida e leve, a fim de que seus dedos apenas toquem a superfície de um plano liso ou áspero” (Ibid., p.206). Essa aplicação aperfeiçoa a sensibilidade tátil que posteriormente irão escrever.

Por fim, a mão firme ocupa-se de exercícios dos encaixes planos. Neste ponto, a criança toca com precisão os contornos específicos das peças geométricas e seus quadros. Montessori comenta que “esta preparação, por mais longínqua e indireta que possa parecer, é uma preparação da mão para escrever; não é uma preparação da escrita, e os dois sistemas não devem ser confundidos.” (Montessori, 2017, p.206). Ou seja, na metodologia montessoriana é necessário perpassar por atividades que vão trabalhar as questões motoras de um modo orgânico, indireto ou direto para que assim, posteriormente possa ser introduzido a escrita. É importante frisar que esses exercícios são preparatórios, e na época em que Montessori realizou, teve um resultado fantástico, pois as crianças estavam com o desempenho da escrita acima dos alunos maiores, de sete, oito anos.

No que está relacionado a linguagem, “é necessário que a criança saiba pronunciar o som correspondente aos sinais alfabéticos. Após deixar as letras por alguns instantes sobre a mesinha, torne-a a interrogar a criança: Que letra é esta?”

(Ibid, p. 212). É esperado que a criança saiba responder a letra que está sendo exposta com o seu determinado fonema. Com as consoantes o ensino ocorre da mesma maneira, a mestra apresenta a letra, emite o seu som, e une com uma vogal a fim de pronunciar várias sílabas.

Adiante, ela vai repetir novamente o som da consoante isolada, como por exemplo: b, b, b, ba, be, bi, bo, bu. Montessori não segue a linha tradicional ao apresentar as letras para as crianças, ela afirma que “não é necessário ensinar todas as vogais antes de passar às consoantes; mas desde que se conhece uma consoante, forçosamente se dará uma vogal para acompanhá-la” (Montessori, 2017, p.212). Outro caminho utilizado nesse processo de aprendizagem é a curiosidade e o desejo dos alunos em aprender determinada letra; às vezes uma palavra dita pode suscitar o desejo de saber qual consoante é imposta para formar por exemplo a palavra “casa”. Sobre as correções da linguagem, a autora afirma que

É oportuno seguir as regras fisiológicas do seu desenvolvimento, graduando as dificuldades. No entanto, quando a criança já possui uma linguagem suficientemente desenvolvida e consegue pronunciar todos os sons, é indiferente fazê-la pronunciar um mais cedo que o outro, ao ensinar-lhe a linguagem gráfica ou a leitura dos sinais. (Ibid., p. 214)

A autora continua afirmando que o maior erro dos adultos está relacionado ao desenvolvimento da linguagem quando ainda são crianças.

Se, ao invés de corrigir a linguagem dos adolescentes, se procurasse, antes, corrigir a das crianças, far-se-ia uma obra de profilaxia. Muitos defeitos de pronúncia são defeitos de dialetos, quase impossíveis de se corrigir mais tarde, mas que seriam facilmente evitáveis se uma educação especializada cuidasse de aperfeiçoar a linguagem infantil. (Montessori, 2017, p. 214)

Os erros dialetais mais recorrentes no período infantil estão associados às imitações de pronúncias imperfeitas, ou seja, é comum vermos pessoas falando com as crianças, inclusive com bebês palavras no diminutivo, ou até mesmo criando o próprio modo de pronunciar determinados vocábulos. A solução para esse problema é sempre pronunciar da maneira devida, fazendo uma correção metódica da linguagem; assim, a criança irá aprender o modo adequado de expor as palavras mediante o exemplo e a imitação feita por entremeio dos adultos que estão à sua

volta. Acerca desse assunto é relevante frisar que a criança reproduz perfeitamente o som imperfeito que ouviu.

No que diz respeito à leitura, Montessori alega que o seu domínio é de fato ter uma interpretação plena do que está sendo escrito e o seu trabalho é puramente intelectual e acarreta o desenvolvimento da linguagem. Acerca da prática, a leitura é iniciada pelos objetos que já são conhecidos, assim como também o uso de cartões com sílabas que formam palavras; o reconhecimento de determinada letra; ter dois cartões com a mesma letra e pedir para criança colocar/juntar uma com a outra; realizar um trabalho de associação, de memória.

Montessori também utiliza o meio cotidiano para implementar a leitura, em seu livro “A Pedagogia Científica” traz o exemplo de pedir para as crianças lerem fichas com frases do tipo: “feche a porta”, “abra a janela”, dentre outras. Para que assim, a leitura se torne mais ativa e os alunos trabalhem com os fatores motores em conjunto com o intelectual, visto que a ação de fechar a porta exige uma certa compreensão do ato e do que foi pedido por meio da leitura das fichas. Essa leitura deve ser feita por primeiro, mentalmente e depois em voz alta, pois a leitura em voz alta é uma fase mais complexa e exige uma fluência e prosódia; a partir do modo em que está sendo lido, a mestra conseguirá notar as necessidades educacionais no que tange a leitura e assim fazer a sua intervenção.

No ensino da numeração e iniciação à aritmética, Maria Montessori explora de diversas formas os materiais que dão um embasamento no que ela deseja trabalhar, como por exemplo as barras vermelhas e azuis. Essas barras são os primeiros objetos a serem trabalhados, cuja a sua finalidade é o aperfeiçoamento da numeração, visto que se uma barra corresponde a quantidade 1, as outras darão continuidade nas quantidades, sendo assim, será: 2,3,4 e assim por diante. A educadora afirma que é “um jogo agradável, que consiste em deslocar objetos” (Montessori, 2017, p. 259).

Além desse jogo, é possível aplicar atividades com os algarismos de lixa. São entregues os cartões que foram colados os algarismos recortados em lixa para as crianças e elas fazem o movimento de colocar a mão; tocam para que assim possam aprender a escrevê-los e compreender o seus nomes, do mesmo modo que acontece com o processo de escrita e linguagem. Ademais, o algarismo escrito é ligado a sua quantidade, ou seja, ao lado do cartão de número cinco também terá a

quantidade que representa o número exposto. Para Montessori, “esse exercício constitui o próprio fundamento de um longo trabalho, que a criança, dali em diante, poderá continuar sozinha.” (Ibid., p.259).

O conhecimento acerca deste conteúdo é fixado na memória e o aluno de fato o compreende, pois não se limita apenas ao abstrato, existe uma predominância do ensino concreto. Esse fator pode ser comprovado com uma das lições que eram feitas na *case dei bambini*, a lição sobre o zero. Dizer para a criança que o zero significa nada é muito vago, para a metodologia se tornar de fato eficaz é preciso que as crianças experimentem o que é nada.

Para isso, Montessori faz a seguinte atividade: chama a criança e pede para ela andar zero vez. Em alguns casos as crianças andam mas logo retornam e percebem que andar zero vez significa não andar. Ela afirma que a admiração começa a surgir “Mas, então, que é que devo fazer? - Nada! Zero significa nada! - Mas, como se faz nada? - Não se faz coisa alguma; você não deveria se mexer; zero vez.” (Montessori, 2017, p. 263). Esse exercício pode ser realizado de diversas formas, e como já é marca do método, deve remeter os atos cotidianos e simples.

Sendo assim, o ensino da matemática assim como o ensino da linguagem são realizados de um modo no qual faz com que a criança seja ativa e corresponda o seu desenvolvimento natural, ou seja, nada é forçado, tudo acontece de acordo com as particularidades de cada indivíduo e as suas necessidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo conhecer o pensamento e a prática pedagógica da educadora Maria Montessori, nos aspectos da *criança, do ambiente e do educador*. Para tal finalidade, apontamos questões que orientaram a nossa pesquisa, sendo elas do campo educacional, social e científico. Portanto, as perguntas: “Qual é a contribuição de Maria Montessori para a educação das crianças?” “Quais as contribuições metodológicas, científicas e sociais da educação montessoriana?” nortearam o estudo para chegar na conclusão final.

Levando em consideração as questões apontadas anteriormente, esse estudo teve como objetivo específico conhecer os princípios educativos de Maria Montessori; compreender o método pedagógico proposto e utilizado pela educadora; analisar a sua produção acadêmica e conhecer as contribuições educacionais que nortearam toda a metodologia.

Desse modo, conclui-se que através da análise de suas obras, especificamente de seu livro “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica” elaborado pela editora Kírion 1ª edição (setembro de 2017) foi possível reconhecer as suas contribuições para a educação de sua época, assim como também do ensino atual. Pois, essa obra trata de toda a metodologia montessoriana e como colocá-la em prática; a educadora demonstra a finalidade de cada objeto e de cada exercício que é executado pelas crianças, nada do que é escrito ficou apenas na teoria, tudo perpassou por uma prática atenta e mediada pela mestra, cujo o papel é de fundamental importância.

Conseguimos constatar que o método Montessoriano trouxe inúmeras colaborações para a educação, pois a sua ideia central é desenvolver o ser humano de um modo integral e significativo; foi a partir daí, que a criança passou a ser ativa e colaborar com o mundo em sua volta, visto que antes era tida como um indivíduo incapaz de realizar deveres simples, sem potencialidades. Desse modo, Maria Montessori desenvolveu a independência da criança e sua formação humana, para que assim consiga adquirir as seguintes habilidades: autodisciplina, liberdade, autonomia e auto educação.

O ambiente é o maior facilitador nesse processo, dado que ele é todo pensado na liberdade em que a criança terá se for preparado com tal intuito. Sobre

isso Montessori diz que “comecei, pois, a estudar um padrão de mobília escolar que fosse proporcionada à criança e que correspondesse à sua necessidade de agir inteligentemente” (Montessori, 2017, p.51). Foi desse modo que surgiram as mobílias do tamanho da criança, seja as mesas, cadeiras, pia, poltronas, prateleiras, tudo que compõe o ambiente tem uma ação direta com o indivíduo que está inserido neste meio.

Sendo assim, a contribuição de Maria Montessori para a educação se fundamenta notadamente nos exercícios de vida prática, em razão do seu maior desejo que era de aperfeiçoar as habilidades infantis para que posteriormente as crianças tivessem a sabedoria de resolver os seus problemas. Mas, isso também se estende para os fatores intelectuais, que é um dos princípios substanciais de sua metodologia, visto que esse processo de aprendizagem acontece de uma maneira respeitosa e orgânica.

Montessori analisa com bastante maestria as necessidades reais de cada indivíduo a fim de posteriormente atuar sobre ele, ou melhor, aplicar alguma atividade com determinado objeto. Esse objeto possui a sua intenção e também a sua complexidade, entretanto, nada é realizado sem passar pela ótica do cuidado e atenção para não inibir a criança no decurso de suas atividades.

Diante do exposto, é admissível afirmar que Maria Montessori causou uma revolução na educação e modificou o seu sentido, que, anteriormente, tinha como objetivo mobilizar os alunos e torná-los seres passivos. Agora, com o avanço de seu método, a educação já não é vista do mesmo modo, passa a ser então uma vivência completa entre o ambiente, o aluno e o educador.

5. REFERÊNCIAS

BETHLÉEM, René. **Catecismo da educação**. 2. ed. São Paulo: Castela Editorial, 2019.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

ESPEJO, Pilar Ramírez. **Una mestra especial: Maria Montessori**. Málaga, 2009.

FERNANDES, José Nunes. **O ensino da música no método montessori**. Jnf, 1. ed. 2020.

FÁTIMA, Elizete; BEHR, Liz; Pereira, Marcele. **Aprendizagem mediada pelo professor: abordagem Vygotskyana**. Minas Gerais, 2019.

FOSCHI, Renato. **Colección educación comparada e internacional serie de retratos críticos: Maria Montessori**. Barcelona, 2014.

L'ECUYER, Catherine. **Educar na curiosidade**. Fons Sapientiae, 1. ed. São Paulo, 2016.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MONTESORI, Maria. **A descoberta da criança: pedagogia científica**. Kíron, 1. ed. 2017.

NAÉDIA, Sandy; LUANA, Maria; VALMIRA, Francisca; CANDIDO, Jessika. **A escolanovista: uma superação do modelo tradicional?**. Bahia, 2019.

NOGUEIRA, Raimundo. **A Escola Nova**. Universidade Federal do Ceará - UFC, 1985.

ROHRS, Hermann. **Coleções educadores: Maria Montessori**. Massangana, 2010.